

Das fronteiras entre a vida e a morte: imagens do Feminino nos mitos de Nanã Buruquê e Obaluaiê

Giselli Renata Gonçalves¹

Compreender a psique implica dialogar, continuamente, com fenômenos por meio dos quais a alma humana encontre possibilidades de expressar-se e dar-se a conhecer. Dentre os fenômenos que consistem em espelho privilegiado para os conteúdos da alma, encontram-se as religiões, verdadeiros repositórios de imagens arquetípicas, nas palavras de Edinger (1995). Julgamos pertinente, portanto, circum-ambular em torno dos símbolos delas provenientes. O riquíssimo componente imagético da umbanda convida, a nosso ver, ao estabelecimento de um diálogo com a psicologia analítica, no sentido de sondarmos em profundidade o significado de seus símbolos e de escutarmos o que eles têm a dizer sobre a psique. Este trabalho pretende voltar o olhar para a forma como se expressam, na crença umbandista, imagens relativas à zona fronteira entre a vida e a morte.

A umbanda apresenta uma mescla de tradições africanas, sobretudo de origem iorubá e banto, que vieram se unir às tradições europeias católica e espírita, às tradições ameríndias e às orientais, de modo geral. Embora não disponha de um culto unificado, os diversos grupos doutrinários dentro da umbanda possuem alguns denominadores comuns, aqui apresentados por Berkenbrock (2012). Primeiramente, partem da fé monoteísta em um ser supremo (denominado Zambi, na tradição banto ou Olorum, na iorubá). Além disso, expressam a crença na existência de espíritos e entidades, como os orixás da tradição iorubá, os santos católicos a eles sincretizados, os espíritos da tradição banto e os espíritos dos mortos, sejam de escravos africanos, índios, crianças, de falecidos de outros continentes, entre muitos outros. Este contato entre espíritos e pessoas visa à prática da caridade e a ajuda àqueles que buscam a solução de problemas. A crença no desenvolvimento do espírito e na reencarnação é, também, um fator presente em todos os grupos de culto.

Berkenbrock (2012) se remete à hierarquia presente entre os espíritos na umbanda, a qual os divide nas chamadas “linhas”, sendo cada uma delas liderada por um orixá. Saraceni (2014) explica que, na teogonia da umbanda, sendo Olorum a divindade criadora, os orixás são em si mesmos as qualidades divinas manifestadas por meio de individualizações desta divindade. Cada orixá rege um aspecto da natureza, da vida dos seres e das criaturas. Preservando-se as compreensões psicológicas de cunho reducionista, Zacharias (1998) amplia a compreensão dos orixás concebendo-os, simultaneamente, como potencialidades psíquicas e divindades.

Neste trabalho, concentraremos-nos nas imagens dos orixás Nanã Buruquê e Obaluaiê, o par arquetípico regente da evolução humana, situado na zona limítrofe entre vida e morte, de acordo com a teologia umbandista.

Dona de um ritmo lento, próprio, de personalidade densa e dotada da gravidade das grandes senhoras mitológicas, Nanã Buruquê é uma divindade materna e ancestral, ligada ao mundo dos mortos como Amentet, ou à ancestralidade, como Gaia (ZACHARIAS, 1998). Orixá ligado à terra e à água, tem sua morada nos domínios lamacentos, sendo a dona da matéria do fundo dos lagos (PRANDI, 2001).

¹ Giselli Renata Gonçalves é professora do Centro Universitário Filadélfia (UniFil), Londrina, Brasil. Graduada em história e em psicologia, é mestra em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Núcleo de Estudos Junguianos). Dedicou-se ao estudo de fenômenos artísticos, históricos e religiosos na perspectiva da psicologia analítica. Contato: goncalves.giselli@gmail.com.

Segundo a tradição iorubá, o barro é a matéria original da qual o ser humano foi modelado e à qual será devolvido ao fim da existência. Por isso, nas palavras de Berkenbrock (2012), Nanã é mãe e morte ao mesmo tempo: está ligada ao começo e ao fim.

Uma das narrativas míticas a ela associadas conta que, quando Olorum encarregou Oxalá de fazer o mundo e modelar o ser humano, este tentou fazê-lo de várias formas: de ar, de pau, de pedra, de fogo, de azeite, de água, de vinho de palma. Nenhuma tentativa logrou, vindo Nanã Buruquê a seu socorro. Ela apontou para o fundo do lago com seu *ibiri* – cetro e arma – e de lá retirou uma porção de lama. Desta matéria, Oxalá modelou o homem e, com o sopro de Olorum, ele caminhou. Entretanto, uma vez originado da terra, no dia de sua morte o corpo deve ser devolvido a Nanã Buruquê, pois ela solicita de volta aquilo que originou (PRANDI, 2001).

Encontramos em Saraceni a compreensão de Nanã como a irradiação da energia divina de paralisação do movimento. Segundo o autor, a orixá atua no campo emocional dos seres “que, quando recebem suas irradiações, aquietam-se, chegando até a terem suas evoluções paralisadas” (SARACENI, 2012, p. 367). Essa ação é decantadora dos vícios e desequilíbrios mentais, adormecendo a memória do espírito que irá encarnar.

No ciclo vital, primeiro encontramos a ação de Oxum como estimulante da sexualidade feminina; no meio, Iemanjá, estimulando a maternidade e ao final está Nanã, a imagem atuante na menopausa e também associada à velhice e à anciania, exercendo uma função paralisadora tanto da sexualidade como da geração de filhos (SARACENI, 2012).

O par arquetípico de Nanã Buruquê, na umbanda, é seu filho Obaluaiê, divindade associada simultaneamente às doenças à sua cura. Conhecedor dos mistérios da morte e do renascimento (ZACHARIAS, 1998), o orixá se situa precisamente entre estes dois aspectos.

Algumas das narrativas míticas a ele associadas o apresentam em estreita relação com divindades que expressam aspectos do Princípio Feminino. Além de guardar filiação com Nanã Buruquê, Obaluaiê é associado à Grande Mãe Iemanjá e à guerreira Iansã. Tendo seu corpo coberto por feridas purulentas, Obaluaiê foi abandonado por Nanã em uma gruta perto da praia. É Iemanjá quem o recolhe o lava com água do mar, secando suas feridas. Preparou-lhe uma roupa de ráfia e, com ela, Obaluaiê escondia suas cicatrizes. Iemanjá o presenteia com todas as pérolas do mar, ficando o orixá conhecido como *Jeholu*, o Senhor das Pérolas, com as quais foram feitos os muitos colares que Obaluaiê sustenta sob sua roupa de palha (PRANDI, 2001).

Uma segunda narrativa acentua o aspecto de rejeição e redenção: chegando à aldeia onde nascera, Obaluaiê fora impedido de participar de uma festa que congregava todos os orixás, devido à sua medonha aparência. Ogum, ao perceber-lhe a angústia, cobre-o com uma roupa de palha e o convida a entrar. Iansã, que tudo acompanhava de soslaio, se compadece de sua triste situação e, ao se aproximar, sopra-lhe as vestes e a palha se levanta. Nesse momento de encanto e ventania, as feridas de Obaluaiê pulam para o alto, transformando-se em pipocas. Obaluaiê e Iansã Igbalé tornaram-se amigos e passaram a reinar juntos sobre o mundo dos espíritos, partilhando o poder único de abrir e interromper as demandas dos mortos sobre os homens (PRANDI, 2001).

Na compreensão umbandista, aqui sintetizada por Saraceni (2012), Obaluaiê rege as fronteiras de um nível evolutivo a outro, encaminhando o espírito ao novo corpo em que irá reencarnar, ou seja, transportando-o a uma nova existência material. O orixá é o guardião do mistério da nova encarnação, do reinício do ciclo vital. É o Senhor das Passagens entre os níveis, do espírito para a carne.

Acreditamos ser possível ampliar nossa compreensão dos mitos de Nanã Buruquê e Obaluaíê submetendo tais imagens ao processamento simbólico arquetípico proposto por Penna (1999; 2013), o qual visa compreender e assimilar o significado desconhecido do símbolo. Para tanto, alargamos o contexto das imagens e as situamos no panorama do cânone simbólico em que se expressa o Feminino, conforme estudo de Neumann (2006) sobre os componentes estruturais deste arquétipo.

Em sua obra *A Grande Mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente* (2006), Neumann apresenta a constituição interior deste arquétipo, bem como sua dinâmica e o conjunto de símbolos por meio dos quais, caracteristicamente, ele costuma se expressar. Para as finalidades deste estudo, recorreremos à distinção feita pelo autor em dois aspectos distintos, que podem interpenetrar-se, coexistir ou hostilizar-se mutuamente: o caráter elementar e o caráter de transformação do Feminino.

O caráter elementar expressa a situação egoica ainda incipiente, quando o ego não se desenvolveu totalmente ou quanto ainda está submetido ao inconsciente. Este caráter expressa a tendência do Feminino a conservar para si aquilo a que deu origem. Em sua polaridade positiva, a função de conter pode ser compreendida como nutrição e proteção e, na polaridade negativa, como repúdio e privação afetiva. O caráter elementar exprime a base conservadora, estável e imutável do Feminino, sendo típico da situação matriarcal original da psique (NEUMANN, 2006).

O caráter de transformação, sua contraparte, encerra o elemento dinâmico que impulsiona o ego ao desenvolvimento, sendo portador da força de movimento, inquietação e modificação. Assim como o caráter elementar, funciona nas polaridades positiva e negativa. A primeira associa-se à inspiração, crescimento e desenvolvimento anímicos, e a segunda associa-se à loucura, que significa a morte e a extinção anímico-espiritual (NEUMANN, 2006).

Retomamos, também, as quatro categorias apresentadas por Neumann (2006) no âmbito dos mistérios do Feminino. O autor designa por mistérios não apenas as celebrações concretas e delimitadas de uma cerimônia mística mas, em senso mais geral, uma esfera psíquica comum a toda a humanidade que, centrada em torno de um arquétipo, abrange toda uma rede de símbolos inconscientes relacionados entre si e consiste de ritos, mistérios, crenças e costumes. São nomeados pelo autor como mistérios da vegetação, da inspiração, da embriaguez e os mistérios da morte.

A nosso ver, o mito de Nanã Buruquê pode ser compreendido como uma expressão do caráter elementar do Feminino. Na fronteira da vida com a morte, a Grande Senhora assenta, imobiliza, aquieta e paralisa os seres que deixam a existência material. Essa contenção no útero da terra lhes extingue o movimento vital. Segundo Neumann (2006), a terra, matéria primordial da divindade, participa do caráter elementar na função de túmulo e Nanã, segundo compreendemos, expressa esse caráter protetor como vaso da morte.

Os mistérios da morte abrangem não apenas os ritos das deusas da morte e dos mortos, mas todos os costumes fúnebres e símbolos a eles relacionados. Nestes mistérios, os símbolos conceituais da diminuição, do apodrecimento e da decomposição têm seu lugar. A estagnada água do charco, domínio de Nanã Buruquê, com sua fertilidade característica parece ser uma imagem para a vida que advém da morte. Ao analisar o simbolismo contido na água, Jung (vol. 5, § 319) propôs que “as águas negras da morte são as águas da vida, a morte com seu frio abraço é o seio materno”. Assim, a imagem de Nanã relaciona-se tanto aos mistérios da morte como aos da vegetação, ligados aos rituais de fecundidade da Grande Mãe que convocam o crescimento e proliferação da vida.

Ao fazer girar a roda da vida e transportar o ser entre os estágios evolutivos, encaminhando-o para uma nova existência, acreditamos que o mito de Obaluaíê expresse

o caráter de transformação do Feminino. A ação do orixá, nesse sentido, impele ao movimento, estimulando o crescimento e o desenvolvimento anímicos ao inserir o ser em uma nova experiência material. Segundo Saraceni (2012), Obaluaiê reduz o corpo plasmático do espírito para que seja alojado no útero, local que expressa o caráter de transformação por meio do mais numinoso mistério a ele associado: o crescimento. Os mistérios da transformação trazem, segundo Neumann (2006), não apenas uma mudança quantitativa, mas também qualitativa, quando ocorre a conquista de algo novo e supremo. Acreditamos que a imagem de Obaluaiê, ao transportar o ser entre níveis evolutivos distintos, expresse esta dinâmica.

Compreendemos tais símbolos como canais de manifestação do Princípio Feminino na cultura umbandista, aqui compreendida como campo de expressão da experiência anímica que, por meio da anamnese do culto, favorece a integração entre consciência e inconsciente. Este processo é vital para a sociedade moderna que, ao privilegiar o desenvolvimento unilateral da consciência e sua identificação com os valores do Masculino e do patriarcado, levou a uma excessiva ênfase no racionalismo e dissociou da consciência a experiência do sentimento (PELLEGRINI, 1987). Levantamos a hipótese que os mitos aqui analisados emergem no culto umbandista de forma a compensar esta unilateralidade. Ao expressar símbolos relacionados ao Princípio Feminino, o grande regente da fronteira entre vida e morte, tais mitos favorecem sua integração na consciência, cooperando para o restabelecimento de uma desejável inteireza à alma dos contemporâneos.

Referências

BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé.** Petrópolis: Vozes, 2012.

EDINGER, Edward F. **Ego e arquétipo.** São Paulo: Cultrix, 1995.

JUNG, Carl Gustav. **Obras Completas: Vol. 5. Símbolos da transformação: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia.** Petrópolis: Vozes, 1995.

NEUMANN, Erich. **A Grande Mãe.** São Paulo: Cultrix, 2006.

PELLEGRINI, Luis. Introdução. In: CAVALCANTI, Raïssa. **O casamento do sol com a lua: uma visão simbólica do masculino e do feminino.** São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

PENNA, Eloisa Marques Damasco. **Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica.** 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

PENNA, Eloisa Marques Damasco. **Epistemologia e método na obra de C. G. Jung.** São Paulo: EDUC/FAPESP, 2013.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SARACENI, Rubens. **Código de umbanda.** Espíritos diversos; [psicografado por] Rubens Saraceni. São Paulo: Madras, 2012.

SARACENI, Rubens. **Gênese divina de umbanda sagrada**. São Paulo: Madras, 2014.

ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. **Ori Axé: a dimensão arquetípica dos orixás**. São Paulo: Vettor, 1998.